

O resgate de histórias e memórias no estudo de alguns topônimos do município de Barra do Garças – MT

The rescue of stories and memories in the study of some toponyms in the municipality of Barra do Garças – MT

El rescate de historias y recuerdos en el estudio de algunos topónimos del municipio de Barra do Garças – MT

Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo

Universidade Federal de Goiás (UFG/Brasil)

celiamarciagn@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8811-814X>

Hidelberto de Sousa Ribeiro

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Brasil)

hidelbertos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1185-8523>

RESUMO

Este artigo objetiva investigar os principais topônimos do município de Barra do Garças – MT, relacionando à origem desses topônimos os aspectos históricos, linguísticos e culturais. Ademais, buscou-se descobrir se estão associados ao fator migratório. A discussão foi baseada na metodologia qualitativa, em que foram utilizados como técnica de pesquisa, os estudos orais e de memória, o uso de fotografias e a pesquisa de campo. Em sua maioria, os entrevistados consistiram em pessoas idosas, pioneiras das cidades, pessoas que, possivelmente, detinham informações sobre a história da cidade em estudo. A análise, feita com base em bibliografia específica sobre o tema, demonstra que

* Sobre os autores ver páginas 25-26.



são vários os processos de nomenclatura que estão na base da criação dos topônimos do município, isto é, a motivação toponímica pode ser de origem cultural, natural, histórica, entre outras. Por fim, o estudo demonstrou que há uma tendência bastante forte para a nomeação a partir do sentido natural.

PALAVRAS-CHAVE: Topônimos; Barra do Garças – MT; Signo linguístico.

ABSTRACT

This article aims to investigate the main toponyms in the municipality of Barra do Garças – MT, relating to the 2trong2 f these toponyms the historical, linguistic and cultural aspects. In addition, we sought to find out whether 2tro are associated with the migratory 2tron. The discussion was based on qualitative methodology, in which oral and memory studies, the use of photographs and field research were used as research techniques. Most of the interviewees consisted of elderly people, pioneers of the cities, people who possibly had information about the history of the city under study. The analysis based on specific bibliography on the subject shows that there are several nomenclature processes that are at the base of the creation of the toponyms of the municipality, that is, the toponymic motivation can be of cultural, natural, historical origin, among others. Finally, the study showed that there is a very 2trong tendency for naming from the natural sense.

KEYWORDS: Toponyms; Barra do Garças – MT; Linguistic sign.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo investigar los principales topónimos del municipio de Barra do Garças - MT, en relación con el origen de estos topónimos, los aspectos históricos, lingüísticos y culturales. Además, se buscó averiguar si están asociados con el factor migratorio. La discusión se basó en la metodología cualitativa, que se utilizaron como técnica de investigación, estudios orales y de memoria, el uso de fotografías e investigación de campo. La mayoría de los entrevistados estaban formados por personas mayores, pioneros de las ciudades, personas que posiblemente tenían información sobre la historia de la ciudad en estudio. El análisis, basado en bibliografía específica sobre el tema, demuestra que existen varios procesos de nomenclatura que se basan en la creación de los topónimos del municipio, es decir, la motivación toponímica puede ser de cultura, natural, histórica, entre otros. Finalmente, el estudio demostró que existe una tendencia muy fuerte para la cita del sentido natural.

PALABRAS CLAVE: topónimos; Barra do Garças – Mt; Signo linguístico.

1 Introdução

O objetivo deste artigo é estudar os principais topônimos do município de Barra do Garças – MT, buscando relacionar à origem desses

topônimos os aspectos históricos, linguísticos e culturais. No âmbito dessa relação, investigamos a influência da cultura desse município na constituição dos topônimos, discutindo os processos de nomenclatura que estão na base da criação toponímica e procurando compreender se algumas das criações toponímicas vinculam-se ao processo migratório, bastante ocorrente na região do Vale do Araguaia, onde a cidade é situada, devido aos garimpos. Este artigo provém de uma pesquisa com resultados mais amplos constantes em Nunes (2009), em que estão catalogados e analisados dezenove topônimos do município de Barra do Garças – MT.

O interesse pelo estudo de topônimos surgiu das observações e reflexões acerca dos diversos lugares cujo motivo de sua nomeação poucas pessoas conseguem explicar, mas muitos possuem a curiosidade de saber. Devido à ausência de pesquisas nessa área, em especial no município em questão, esta investigação possui uma grande relevância, já que contribui no desenvolvimento do conhecimento dedicado a esse campo de estudos.

O artigo se organiza do seguinte modo: a seção “Breve Histórico de Barra do Garças – MT” tem o intuito de informar a trajetória histórica do município de Barra do Garças procurando retornar ao início de tudo, situando o máximo de indivíduos que participaram dessa história. Para isso, iniciamos o relato a partir de passagens localizando a história do Brasil com suas consequências na história de Mato Grosso, de forma realmente resumida. Posteriormente, na seção “Pressupostos teórico-metodológicos”, ressaltamos, de modo conciso, uma revisão da literatura que nos deu apoio para o desenvolvimento de todo este trabalho, destacando os autores e obras que foram pertinentes neste estudo. Seção também dedicada à apresentação da taxonomia proposta por Dick (2004), a qual fundamentou toda a nossa análise. Além disso, discutimos brevemente sobre o signo linguístico, tendo por base os estudos de Saussure (2006 [1916]) e Bakhtin (1988) acerca da linguagem e enfatizamos a importância dos topônimos como signos linguísticos.

Adiante, na seção “Análise taxonômica e motivacional”, realizamos a classificação de oito topônimos de Barra do Garças selecionados para apresentação neste artigo. Analisamos a morfologia, a semântica e a motivação desses topônimos e apresentamos fotos dos lugares investigados sempre que possível. Para o escopo deste artigo, selecionamos apenas uma parte dos topônimos estudados, tendo em vista que o espaço disponível para o desenvolvimento da discussão não nos permite delongas. Por fim, após o término da discussão dos dados, apresentamos a última seção: “Considerações Finais”, em que retomamos alguns tópicos que foram discutidos no desenvolvimento do trabalho, ressaltando o quanto este tipo de estudo é pertinente, uma vez que contribui de modo incomensurável para a compreensão geo-histórica e social dos povos que habitam ou habitaram determinada região.

2 Breve histórico de Barra do Garças – MT

Para melhor compreendermos o processo histórico de Barra do Garças – MT, procuraremos retornar ao seu início, a partir de relatos de indivíduos que participaram dessa história. Diante disso, é imprescindível atermos à história do Brasil e às suas consequências na história de Mato Grosso. É sabido que os primeiros habitantes da região foram os povos indígenas. A princípio, podemos dizer que esses povos tiveram participação importante no que diz respeito à povoação do Estado, pois foi a partir da intenção de aprisionamento deles que, mais adiante, os bandeirantes iniciaram a descoberta de pedras preciosas que atraíram pessoas de toda parte do país.

Seguindo a cronologia da história, de acordo com Santos (2005, p. 11), não é possível falar da constituição do Estado de Mato Grosso sem nos recordarmos do procedimento “[...] de ocupação do espaço brasileiro, a partir do século XVI, com o estabelecimento das Capitânicas Hereditárias que garantiram à Portugal o domínio da região litorânea, evitando a invasão estrangeira”. Por este motivo e com a intenção de capturar os índios que eram comercializados como mercadorias, a capitania de São Paulo organizou expedições e adentrou os sertões, passando o limite da linha do tratado de Tordesilhas.

Sendo assim, os bandeirantes, como eram chamados os sertanistas¹ que participavam dessas expedições, tinham funções diversas, como aprisionar os índios para escravizar, descobrir ouro e pedras preciosas e exterminar os quilombos, de onde há a distinção de três tipos de bandeirantes: a do tipo apresador (o gentio), a do tipo prospector e a do sertanismo de contrato.

Com o tempo, essas aberturas no interior do país favoreceram a aquisição de novas áreas pela coroa portuguesa, devido à ação dos bandeirantes que ultrapassavam o meridiano do tratado de Tordesilhas.

Segundo Santos (2005, p. 12):

O nome Mato Grosso originou-se em 1730, quando os irmãos Paes de Barros, exploradores, vindos das exauridas minas que originaram Cuiabá, chegaram à planície oposta ao campo dos Pareci e depararam com matas muito espessas e altas. Embora esse tipo de vegetação não ocorra em toda a superfície do Estado, o nome foi mantido e oficializado pela carta Régia de 9 de maio de 1748.

Como foi citado anteriormente, o processo de ocupação do território que é conhecido por Barra do Garças foi se efetivando a partir da descoberta de riquezas na região. As primeiras bandeiras que passaram por aqui foram as

¹ Sertanista é um termo que está associado àquele sujeito que desbrava o sertão. Termo empregado por volta dos anos cinquenta do século XX para caracterizar aqueles indivíduos a serviço do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), os quais tinham a missão de contactar os povos indígenas e, a partir daí, estabelecer relações “amistosas” entre indígenas e não-índios.

dos bandeirantes Bartolomeu Bueno da Silva – o Anhanguera – e Manoel de Campos Bicudo; ambos partiram de Piratininga, em 1662, levando junto consigo seus filhos, Bartolomeu e Antônio Pires de Campos (que viria a substituir o pai na liderança de novas bandeiras).

Os relatos históricos contam que, numa noite de tempestade, ao abrigarem-se em grutas, a bandeira de Manoel de Campos Bicudo presenciou um espetáculo inesquecível, “Aqueles pedras que se erguiam do solo lembravam os Martírios de Cristo no calvário” (VARJÃO, 1985, p. 46). Foi nessa região, denominada Serra ou Mina dos Martírios que, segundo Pitaluga (S.d.) *apud* Santos (2005, p. 12), “[...] os meninos filhos dos chefes das bandeiras brincavam com pedriscos redondos de ouro e escolheram alguns que levaram consigo, embora desconhecendo seu valor, mas que depois foram reconhecidos como ouro”.

Depois de Campos Bicudo, muitos outros bandeirantes tentaram seguir os mesmos passos na busca dessa Serra dos Martírios, porém ninguém mais conseguiu encontrá-la. Eis porque tal história é considerada uma lenda. Entretanto, foi a partir dessa lenda que inúmeras expedições vieram para a região, atraindo cada vez mais gente de partes distintas do Brasil e ocasionando a descoberta e o povoamento do que hoje é conhecido por Barra do Garças.

Amaro Leite Moreira foi o primeiro bandeirante que partiu à procura da lendária mina. Chegou a encontrar minas de ouro, o que atraía gente de muito longe. Mas, com o tempo, o ouro começou a rarear e o lugar a ser abandonado por essas pessoas. Consequentemente, os abastecimentos que vinham de Cuiabá (600 Km) também deixaram de vir.

Além dessa lenda a respeito da Serra dos Martírios, temos outra lenda que faz parte da história do município. Segundo Raul José de Melo (citado por VARJÃO, 1985, p. 82), no ano de 1871, “Simeão da Silva Arraya e outros dois integrantes, ex-combatentes da Guerra do Paraguai, ao serem desmobilizados, resolveram iniciar uma garimpagem de ouro na confluência do Rio Garças nas proximidades da barra do Córrego Voadeira”. Durante essas pesquisas, encontraram bastantes diamantes, contudo, na época, essa pedra ainda não era muito procurada, mas, como eles sabiam do seu valor, resolveram guardá-las numa garrafa. Certo dia, foram atacados pelos índios bororos e, então, enterraram a garrafa num monte de cascalho próximo a uma grande pedra na beira do rio, indo se abrigar em povoações próximas. Ao retornar ao local, após período chuvoso, de grande cheia, não encontraram mais a garrafa. A fim de demarcar uma orientação para a procura, marcaram a pedra (Figura 1) que se localizava próximo ao local onde haviam enterrado a garrafa.

FIGURA 1: Pedra Simeão Arraya

Fonte: <https://serradoroncador.com.br/tempos-modernos-ondetudo-comecou/>

Se são reais ou não essas duas histórias não podemos comprová-las, o fato é que, por causa delas e de tantas outras, a região foi sendo ocupada e, nesse processo, sendo gradativamente devastada para dar lugar a povoados em busca das riquezas que esse solo oferecia.

Com o passar do tempo, o número de garimpos era cada vez maior, o que conseqüentemente fazia surgir os primeiros comerciantes. A região foi se desenvolvendo e houve a necessidade de criar um povoado de apoio. Pela iniciativa de Antonio Cristino Cortes e Francisco Dourado (patrões de garimpos), o município de Barra do Garças foi fundado em 13 junho de 1924, dia de Santo Antônio, considerado padroeiro da cidade, e “elevado à categoria de Distrito de paz (Vila), em 21 de dezembro de 1935, sob o decreto nº 32. No entanto, foi sob a Lei Estadual nº 121, de 15 de setembro de 1948, que passa a ser considerado município, recebendo *status* ‘emancipativo’ político-administrativo” (RIBEIRO, 2001, p. 33).

Devido à diminuição das riquezas na região, o povoado, que já estava desenvolvido no comércio, sofria o risco de decadência. No entanto, o progresso só foi garantido por causa de investimentos estatais que o favoreceram como, por exemplo, a Marcha para o Oeste, de Vargas.

Com a Marcha para o Oeste, Getúlio Vargas desejava, a princípio, integrar o norte e o sul do país através da ocupação do centro-oeste. Depois essa medida assumiu um caráter político de ocupação da região, porque em 1937, em Genebra, o Barão Shudo junto às Sociedades das Nações, estabeleceu que,

[...] as nações que possuíssem áreas inexploradas e não utilizassem as matérias primas nelas contidas, deveriam ser compelidas a permitir seu racional aproveitamento por nações capazes de explorá-las para o bem comum dos povos do mundo (VARJÃO, 1985, p. 28).

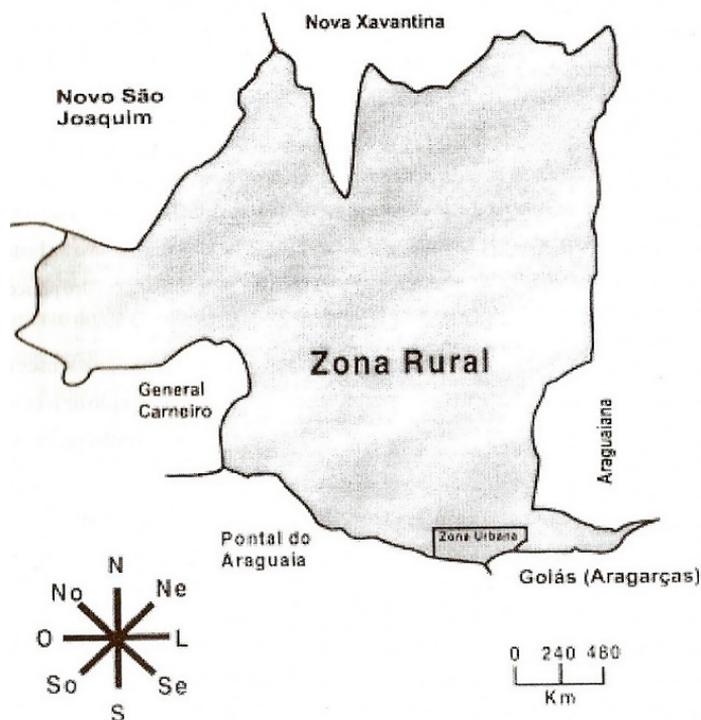
Diante disso, Vargas solicitou que o Ministro do Governo, João Alberto de Barros, se responsabilizasse pela criação de uma expedição que cortasse o centro do país desde a Barra do Rio Garças até o Rio Xingu passando pelo Rio das Mortes. Essa expedição foi fundada em junho de 1943 e denominada de Roncador-Xingu e tinha o intuito de materializar a Marcha para o Oeste, mapeando a região e conhecendo a população. Essa expedição foi um tanto quanto aventureira, pois os homens que dela participaram atravessaram uma região do Brasil até então não transitada pelos ditos “civilizados”.

Em 6 de outubro de 1943, a expedição foi substituída pela Fundação Brasil Central. Tal Fundação significou a presença do Estado na região e sua principal tarefa “foi a de criar certa infraestrutura, para que uma grande parte da região do Brasil Central pudesse ser incorporada ao mercado produtivo nacional” (RIBEIRO, 2001, p. 35). A Fundação foi extinta em 1967 e substituída pela SUDECO (Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste).

Por meio da Marcha para o Oeste, muitos municípios, hoje constituídos, tiveram seu início, alguns próximos ao município de Barra do Garças. Porém, dentre estes, Barra do Garças é atualmente um dos mais desenvolvidos, isso porque, além de outros fatores, a cidade ocupa uma posição privilegiada geograficamente, pois localiza-se num posto de passagem para o norte do Estado de Mato Grosso, para o Estado de Goiás e para Estados da região norte do país.

Segundo dados colhidos junto à Prefeitura de Barra do Garças, este município possui como distritos: Vale dos Sonhos, Voadeira, Indianópolis, Toricueje e Tabazul, tendo como limites as cidades de Nova Xavantina – MT (ao norte), Pontal do Araguaia – MT (ao sul), Araguaiana – MT (ao leste), General Carneiro – MT (ao oeste), Novo São Joaquim – MT (ao nordeste) e Aragarças – GO (ao sudeste). Conforme podemos observar na Figura 2. A extensão territorial do município é de 9.711.83 Km², e “está localizado ao Leste do Estado de Mato Grosso, na microrregião 528, mesorregião 128, Médio Araguaia, cujas coordenadas são 15° 49’ 0” latitude sul e 52° 0 9’ 08” longitude oeste de Gr” (SANTOS, 2005, p.16).

FIGURA 2. Mapa com os limites de Barra do Garças – MT



Fonte: Ribeiro (2001, p. 36).

Em suma, é sobre esse município, cuja origem está alicerçada em estórias lendárias de riquezas, que iremos abordar no decorrer deste artigo. Todavia, antes de iniciarmos a exposição da análise toponímica do município, ressaltaremos a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos que nos embasaram.

3 Pressupostos teórico-metodológicos

Durante a pesquisa, contamos com o auxílio de diversos autores que fundamentaram nosso estudo. Dentre as obras selecionadas destacaram-se principalmente as de Dick (2004), que se dedica ao estudo de topônimos fazendo uma classificação de taxonomias toponímicas e explicando seus significados; a dissertação de mestrado de Zamariano (2006), que catalogou, fez a classificação taxionômica, a descrição e análise dos nomes dos acidentes físico-geográficos dos municípios paranaenses fundados entre 1648 e 1853, discutindo a inter-relação entre homem, ambiente, língua, cultura; e a tese de doutorado de Maeda (2006), cujo trabalho teve o intuito de estudar, fazer uma classificação taxonômica e analisar os topônimos, buscando compreender “os

motivos predominantes na denominação das propriedades rurais localizadas no pantanal sul-mato-grossense” (MAEDA, 2006, p. 12).

Varjão (1985), Diniz (1995), Santos (2005) e Ribeiro (2001) são autores importantes no que diz respeito às discussões dos aspectos históricos do município estudado, uma vez que toponímia e história estão intimamente ligadas, afinal, a partir do estudo toponímico de uma região, podemos resgatar muito de sua história.

Ainda relacionando toponímia e história, as leituras sobre memória, a individual e a coletiva, também serviram como uma ponte para amarrar os estudos, pois constatamos por meio de Cunha (1992), Nunes (1978), Fortuna (1997), entre outros, que

[...] a memória é a base para a construção da identidade, da consciência do indivíduo e dos grupos sociais. Afinal, a memória é quem vai registrar todo o processo de identificação dos sujeitos com o espaço em que se inserem e as consequentes relações que se veem estabelecer a partir dessa identificação (FILHO, 1992, p. 167).

No desenrolar das entrevistas e das coletas de dados pudemos notar que a memória individual de quem conta a história é parte de uma memória coletiva, compartilhada com outros sujeitos envolvidos no processo estudado. É interessante ressaltar que, apesar de ser o mesmo objeto de estudo, cada sujeito possui uma identificação com este objeto e por isso a existência de explicações distintas, em alguns casos, para a motivação de um mesmo topônimo.

Partindo para o estudo linguístico dos topônimos bem como seus aspectos semânticos, as obras de Isquerdo e Krieger (2004), Isquerdo e Oliveira (2001), Ferreira (1986) e Guimarães (1995) deram o amparo teórico para discutirmos seus processos de nomenclatura. Vale destacar que esse estudo feito a respeito dos fatores linguísticos não está desvinculado dos fatores históricos e de memórias que os topônimos trazem arraigados em si. Enfim, o estudo de toponímia nos permite relacionar todos esses conceitos de forma coerente, conforme nos diz Maeda (2006, p. 272),

[...] a toponímia pode confirmar-se como instrumento que atua funcionalmente como forma conservadora da memória do núcleo que se faz presente nos estágios denominativos, capaz de recuperar os momentos históricos vividos e a própria trajetória do homem na formação do grupo, não se pode esquecer que o referente desempenha o papel de significância, imanente aos elementos do signo linguístico, capaz de revelar nas formas denominativas geográficas os valores sócio-culturais do grupo-meio retratado.

Diante dessa afirmação, concebemos aqui o estudo dos topônimos da cidade de Barra do Garças como um trabalho bastante complexo, uma vez que envolve conceitos subjetivos como o de memória, história e os próprios aspectos linguísticos.

3.1 O signo linguístico toponímico

Estudos acerca da definição do signo linguístico têm envolvido pensadores, tanto da Linguística, quanto da Filosofia e da Lógica. Saussure foi o primeiro linguista a formular uma teoria concreta sobre o signo linguístico, depois dele, outros estudiosos contribuíram e vêm contribuindo em pesquisas sobre sua importância e abrangência.

É evidente a importância de se estudar o signo linguístico, pois trata-se de um elemento social essencial à interação entre indivíduos e o meio em que estão inseridos, isso porque os signos são “uma forma de apreender a realidade. Só percebemos no mundo o que nossa língua nomeia” (FIORIN, 2002, p. 55). Sendo assim, os signos linguísticos são indispensáveis na tarefa de entender o mundo e as relações humanas.

Saussure (2006 [1916]), ao propor a teoria dos signos aborda a questão da arbitrariedade e da linearidade. O que o autor chama de arbitrariedade do signo linguístico implica em dizer que não há relação alguma entre o significante e o significado, ou seja, o signo não é motivado, não há nada na imagem acústica que retoma o conceito. Segundo Saussure, a escolha dos signos é convencional entre um grupo de pessoas, é consequência de um acordo coletivo entre os falantes (FIORIN, 2002).

Para Saussure (2006 [1916]), o signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, ambos psíquicos. Bakhtin (1988), por sua vez, considera o signo como qualquer objeto do mundo físico que adquire um valor social. A discussão feita por Bakhtin (1988) acerca do signo linguístico se aproxima bastante da desenvolvida neste trabalho sobre os topônimos, pois, se para este autor o signo é um fenômeno do mundo exterior, isso quer dizer que o signo se constitui no processo de interação social e é resultado das relações entre os indivíduos de uma mesma língua.

Ao estudar o signo toponímico (topônimo), percebemos que a questão da arbitrariedade é, de certo modo, contestada, pois nele o fator principal corresponde à motivação, que reflete as intenções e o contexto de quem nomeou. Diante disso, é interessante destacar o que Dick (1990, p. 33) afirma sobre o signo toponímico:

[embora o topônimo em sua estrutura seja] uma forma de língua, ou um significante, animado por uma substância de conteúdo, da mesma maneira que todo e qualquer outro elemento do código em questão, a funcionalidade de seu emprego adquire dimensão maior, marcando-o duplamente: o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se

no ato de batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo.

Nesse sentido, é coerente relacionar Bakhtin (1988) ao estudo toponímico. A motivação advinda do signo toponímico é extralinguística, é constituída socialmente, “as formas dos signos são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 1988, p. 44). Eis que entra em cena o signo toponímico (topônimos), intimamente relacionado à questão da nomeação e da apreensão da realidade, ou seja, os topônimos representam e reproduzem a realidade de um grupo social.

Segundo Dick (1990, p. 81), “o topônimo não é um signo linguístico especial, mas ao contrário, um designativo vocabular comum, acrescido, porém, da função específica de identificação dos lugares” e que, por passar pelas mãos de um denominador, está carregado de seus valores. Dessa forma, o signo toponímico pode ser visto como um importante instrumento de pesquisa não apenas de linguistas como também de geógrafos, antropólogos, sociólogos etc.

3.2 Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa foi baseada na metodologia qualitativa, em que foram utilizados como técnica de pesquisa os estudos orais e de memória, o uso de fotografias e a pesquisa de campo, que se define, basicamente, numa pesquisa que “[...] é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e intercepções do que ocorre no grupo” (GIL, 2002, p. 53).

Conforme citado anteriormente, o universo da pesquisa foi o município de Barra do Garças – MT. A amostra, no caso dos topônimos, foi selecionada a partir de conversas informais com diversas pessoas, na tentativa de anotar as lógicas que envolvem a nomeação dos lugares da cidade citada. Além disso, por meio das entrevistas com os informantes, fomos descobrindo outros topônimos que ainda não havíamos catalogado.

Tendo em vista que a toponímia está intimamente relacionada à história, conseqüentemente, à cultura, buscamos escolher os entrevistados que realmente pudessem acrescentar informações sobre a história da cidade estudada, sendo assim, em sua maioria, os entrevistados foram pessoas idosas, consideradas pioneiras das cidades. Por meio das entrevistas gravadas em áudio, “resgatamos” um pouco da memória social.

Somado a isso, aplicamos questionários que foram distribuídos entre os estudantes dos Cursos de Letras, Jornalismo e Geografia, do Campus Universitário do Araguaia, da Universidade Federal de Mato Grosso, a fim de buscar acrescentar mais informações para a pesquisa.

Buscamos analisar os topônimos catalogados neste trabalho, classificando-os na taxonomia adequada. Além disso, analisamos a morfologia do topônimo observando se sua estrutura é simples ou composta e ressaltando o termo genérico e o(s) específico(s). Para compreendermos a motivação toponímica, partimos do estudo semântico do topônimo, ou seja, por meio do dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986), expomos, quando necessário, o significado dos termos que compõem o topônimo. Tal procedimento auxilia a esclarecer o sentido da denominação do lugar e contribui na compreensão de sua origem, se é histórica, natural, religiosa, etc.

Quanto às taxonomias para classificação, apoiamos-nos em Dick (2004). A autora propõe que os topônimos são constituídos por duas unidades: um termo genérico e um termo específico. As taxonomias propostas por Dick promovem a compreensão da motivação toponímica dos lugares e classificam os topônimos de acordo com seus termos específicos, para isso elas são divididas em duas áreas, as físicas e as antro-po-culturais, conforme disposto no Quadro 1, a seguir:

QUADRO 1: Taxonomias natureza física e antropoculturais

	TAXONOMIA	DEFINIÇÃO E EXEMPLOS
TAXONOMIAS DE NATUREZA FÍSICA	<i>Astrotopônimos</i>	São os topônimos que se referem aos corpos celestes, com ou sem luz própria: fazenda Cruzeiro do Sul – MT.
	<i>Cardinotopônimos</i>	São os topônimos que fazem referência às posições geográficas em geral: Nortelândia – MT.
	<i>Cromotopônimos</i>	São os topônimos relacionados às cores: Serra Azul – MT.
	<i>Dimensiotopônimos</i>	São os topônimos que se referem à dimensão do acidente geográfico (extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade, espessura, altura): Córrego Fundo – MT.
	<i>Fitotopônimos</i>	São os topônimos de índole vegetal: Cana Brava do Norte – MT, Córrego Buriti Verde – MT.
	<i>Geomorfotopônimos</i>	São os topônimos que fazem relação às formas topográficas, sejam elas elevações (montanha, monte, morro, colina), depressões do terreno (vale, baixada) ou formações litorâneas (costa, cabo, angra, ilha, porto): Chapada dos Guimarães – MT.
	<i>Hidrotopônimos</i>	São os topônimos que se referem aos elementos e acidentes hidrográficos em geral (água, córrego, rio, ribeirão, braço, foz): Água Boa – MT.
	<i>Litotopônimos</i>	São os topônimos de índole mineral e referentes à constituição do solo (barro, barreiro, tijuco, ouro): Pedra Preta – MT.
	<i>Meteorotopônimos</i>	São os topônimos que remetem a ideias de fenômenos atmosféricos (vento, chuva, trovão, neve): Primavera do Leste – MT.
	<i>Morfotopônimos</i>	São os topônimos cujo sentido reflete a formas geométricas: Triângulo Mineiro–MG.
<i>Zootopônimos</i>	São os topônimos que se referem aos animais: Praia da Arara – MT.	

TAXONOMIAS DE NATUREZA ANTROPOCULTURAIS	<i>Animotopônimos ou Nootopônimos</i>	São os topônimos que se referem à vida psíquica e à cultura espiritual do homem, não pertencentes a cultura física: Sorriso – MT, Córrego Inveja – MT.
	<i>Antropotopônimos</i>	São os topônimos que recuperam nomes próprios e individuais formados a partir de prenomes, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas, geralmente evidenciando a noção de posse: Porto do Baé – MT.
	<i>Axiotopônimos</i>	São os topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham os nomes próprios individuais: Dom Aquino – MT, General Carneiro – MT.
	<i>Corotopônimos</i>	São os topônimos referentes a nomes de cidade, estados, países, estados e continentes: Fazenda Paranavaí – MT.
	<i>Cronotopônimos</i>	São os topônimos que indicam a passagem do tempo (novo/nova, velho/velha, antigo/antiga): Nova Xavantina – MT.
	<i>Dirrematopônimos</i>	São os topônimos constituídos por frases ou enunciados linguísticos: Córrego Molha-Pelego – MT.
	<i>Ecotopônimos</i>	São os topônimos referentes às habitações de um modo geral: Córrego Ranchão-MT.
	<i>Ergotopônimos</i>	São os topônimos que se referem a elementos da cultura material do homem: Tesouro – MT, Cachoeira da Usina – MT.
	<i>Etnotopônimos</i>	São os topônimos relativos a grupos étnicos, isolados ou não: Gaúcha do Norte – MT.
	<i>Hierotopônimos</i>	São os topônimos que se referem a nomes sagrados de crenças diversas, assim como aos elementos, acontecimentos e locais religiosos. Esta taxa se subdivide em: hagiotopônimos (topônimos relativos aos santos e santas do hagiológico romano: Nossa Senhora do Livramento – MT) e mitotopônimos (Ribeirão do Saci – ES); Rosário Oeste – MT.
	<i>Historiotopônimos</i>	São os topônimos que reportam fatos histórico-sociais, bem como seus personagens e datas comemorativas: Rua Independência.
	<i>Hodotopônimos ou Odotopônimos</i>	São os topônimos relativos às vias de comunicação rural e urbana: Ponte Branca-MT.
	<i>Numerotopônimos</i>	São os topônimos referentes a adjetivos numerais: fazenda Dois Córregos – MT.
<i>Poliotopônimos</i>	São os topônimos que possuem em sua denominação os vocábulos vila, cidade, aldeia, povoado, arraial, isto é, que denotam aglomerados populacionais: Vila Rica – MT.	
<i>Sociotopônimos</i>	São os topônimos que fazem relação às atividades profissionais, aos locais de trabalho, pontos de reunião e encontros de uma comunidade: Engenho Novo – MG.	
<i>Somatopônimos</i>	São os topônimos empregados metaforicamente às partes do corpo humano ou animal: Fazenda Olho d'Água – MT.	

Fonte: adaptado de Dick (2004)

4 Análise taxonômica e motivacional

Passemos agora para a análise dos topônimos de Barra do Garças. Os topônimos que serão aqui analisados foram selecionados a partir de um levantamento feito com pessoas da comunidade acadêmica da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus Universitário do Araguaia (CUA) e a partir de entrevistas com sujeitos informantes. Sendo assim, não há um recorte específico na amostra de estudos, pois todos os topônimos estudados neste trabalho foram escolhidos de acordo com o critério “curiosidade” dos que contribuíram com informações para a pesquisa².

Normalmente, pudemos notar que grande parte do interesse acerca dos nomes de lugares diz respeito a lugares do cotidiano dos moradores de Barra do Garças e/ou são pontos turísticos da cidade, talvez por isso se explique a disposição por conhecer as origens de suas denominações.

4.1 Município de Barra do Garças

Partindo do nome do Município de Barra do Garças (antiga Barra Cuiabana e Barra do Rio das Garças), testificamos que tal denominação está relacionada ao fato de o vilarejo ter sido fundado nas margens do Rio Garças, no entanto, geograficamente, a noção de barra de um rio significa o entroncamento ou encontro de dois rios. Então, se analisarmos a nomenclatura percebemos que houve uma junção de dois nomes: Barra Cuiabana (Etnotopônimo) com Rio das Garças (Zootopônimo), formando por elipse o nome Barra do Garças (Figura 3), topônimo composto, que, pelo fato de explicar por si próprio a sua motivação, possui um sentido natural.

Analisando o sentido que forma o nome Município de Barra do Garças, percebemos que “Município” é o termo genérico do topônimo; “Barra” é um dos termos específicos e “Garças” é outro termo específico, porém, há ainda um outro elemento implícito que é denotado pela presença do artigo masculino “o” na contração “do”, isto é, a palavra “rio”.

Como sabemos a palavra “barra” refere-se a um “banco ou coroa de areia ou de outros sedimentos trazidos pelos rios e depositados nas suas bocas e nas dos estuários” (FERREIRA, 1986, p. 234). A contração “do”, neste caso, liga o sentido Barra do [Rio] Garças. Então, por ter sido o acidente “rio” o causador do nome do município, uma vez que ele se situa na foz ou barra do Rio Garças, este topônimo é classificado como Hidrotopônimo (SANTOS, 2005).

² Outra parte dos topônimos que estudamos pode ser consultada em Lôbo e Ribeiro (2021), em que analisamos o aparecimento de topônimos de alguns municípios da região Araguaia, incluindo o município de Barra do Garças, dentre os quais os topônimos Águas Quentes; Porto do Baé; Monchão do Arueira; Praia da Rapadura; Serra do Roncador etc.

FIGURA 3. Município de Barra do Garças – MT



Fonte: Wikipedia.

4.2 Córrego do Monjolo

O topônimo “Córrego do Monjolo”³ consiste em um Ergotopônimo. Segundo a entrevistada D.B., o local possui esse nome porque:

[...] tinha um monjolo do seu Bilego. Naquele tempo num tinha máquina de arroz, então seu Bilego mandou fazer um monjolo aqui em cima, e por isso chamou córrego do monjolo. Monjolo é pilão tocado a água (D.B. entrevistada no dia 03/02/09).

Além de possuir uma estrutura simples, formada por “Córrego”, termo genérico e “Monjolo”, termo específico; a denominação deste topônimo partiu do seu sentido natural, uma vez que traz em sua composição o elemento básico do lugar: o monjolo.

4.3 Cachoeira da Usina

Igualmente ao anterior, classificamos o topônimo “Cachoeira da Usina” (Figura 4) como um Ergotopônimo. Segundo a explicação de P.B., o nome diz respeito ao fato de a primeira iluminação elétrica da cidade de Barra do Garças ter sido por meio de uma usina instalada, na época de governo do prefeito Ladislau Cristino Côrtes, numa cachoeira da Serra Azul, que possuía uma queda d’água que propiciava sua instalação. Desde então o local ficou conhecido como Cachoeira da Usina.

³ Embora tenhamos realizado tantas buscas, infelizmente não encontramos alguma foto que pudesse ilustrar o antigo monjolo que havia no córrego.

Atualmente, o local pertence ao Clube da Maçonaria, que se localiza no bairro Jardim Amazônia (BNH). A cachoeira possui treze metros de altura, formando um poço de 480 metros quadrados com profundidade variável de quarenta centímetros a três metros, com vegetação típica do cerrado. Está localizada próxima da Acacia Country Clube, com infraestrutura de bar, restaurante, parquinho, quadra de areia, campo de futebol, plantas nativas ornamentais, iluminação elétrica, bancos, mesas e churrasqueiras.

FIGURA 4. Cachoeira da Usina



Fonte: Wikipedia.

4.4 Córrego Bateia

Ainda na taxa de Ergotopônimos, está o nome “Córrego do Bateia” (Figura 5). A motivação deste nome está associada ao fator das garimpagens que ocorriam na região, pois o nome “bateia”, do árabe *batīya*, significa “[...] uma gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero” (FERREIRA, 1986, p. 240).

Sendo assim, este topônimo tem uma estrutura simples, pois contém apenas um termo genérico e um específico, e sua motivação é traçada pelo sentido histórico de Barra do Garças, no qual estão inclusos os garimpeiros e suas culturas, envolvendo nessas culturas os elementos com os quais eles lidavam, eis o porquê de ser classificado como Ergotopônimo.

Localizado na BR 70, Km 43, em direção a Cuiabá, o lugar também é um dos pontos turísticos da região, composto por seis quedas d’água de diferentes tamanhos, sendo que a maior tem cerca de oitenta e seis metros e é a primeira da seqüência. Em seguida, encontra-se a do Escorredor de Pedras, Caldeirão da Bruxa, Lagoa Azul e Poço Verde. A seqüência termina em um

cânion conhecido como Ponte de Pedra, onde a água cai em uma queda de setenta e dois metros. Além disso, a paisagem é composta por paredões de arenito de aproximadamente oitenta metros cobertos por vegetação como samambaias, avencas, musgos, arbustos, bromélias e gramíneas que servem de ninhos a várias espécies de pássaros destacando-se as seguintes plantas: buritis, pequizeiros, paineiras, escorrega-macacão, jatobá, e outras do cerrado.

FIGURA 5. Córrego Bateia



Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/>

4.5 Córrego Lajedo

Provavelmente este nome tenha sua origem devido ao aspecto do córrego, ou seja, devido a sua aparência. Se nos voltarmos ao significado de “lajedo” no dicionário, encontraremos referências a lajes, que são pedras de superfície plana e que geralmente são quadradas ou retangulares.

Uma de nossas entrevistadas afirma supor que a origem do nome “Córrego Lajedo” (Figura 6) seja justamente devido a essas pedras, pois, segundo a informante, esse córrego era bastante frequentado e procurado por lavadeiras, que trabalhavam para aqueles que tinham melhor poder aquisitivo, pelo fato de o córrego constituir um ambiente propício para a lavagem de roupas:

E faziam aqueles blocos grandes, e aquilo esquentava com o sol e era um ambiente, assim, muito bom pra clarear uma roupa, não é, e aí as pessoas estendiam. Até falavam assim, vou tirar o sujo, aí tirava aquele primeiro, enxaguava, passava o segundo e estendia tudo naquelas

pedras as roupas. Daí ia jogando água e com o calor do sol, aquilo favorecia o branqueamento das roupas. E aí era comum você falar, hoje nós vamos lavar roupa no Lajedo (P.B. entrevistada dia 02/02/09).

Este topônimo possui uma estrutura simples, formado pelo termo genérico “Córrego” e o termo específico “Lajedo”; tem uma motivação voltada ao sentido natural, pois sua denominação reflete a característica básica do local e pelo fato de o nome nos remeter a ideia das pedras, esse topônimo é considerado um Litotopônimo.

Uma outra entrevistada, professora historiadora (N.), afirma que o Córrego Lajedo aparenta ter sido, na pré-história, uma oficina de amolar, isso devido à presença de riscas nas pedras, em que se jogava areia e água e se amolavam os instrumentos.

FIGURA 6. Córrego Lajedo



4.6 Praia do Bosque

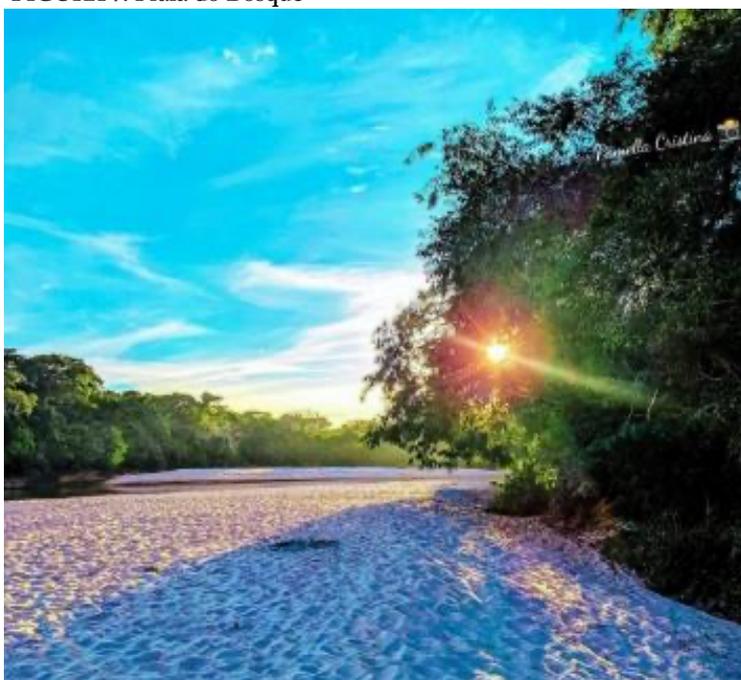
Topônimo de estrutura simples. “Praia”, termo genérico, e “Bosque”, termo específico. Pelo fato de “bosque” significar uma “quantidade mais ou menos considerável de árvores dispostas proximamente entre si” (FERREIRA, 1986, p. 277), faz relação à mata, floresta e, por isso, a plantas, esse topônimo é encaixado na taxa dos Fitotopônimos.

Segundo informantes, a origem do nome “Praia do Bosque” (Figura 7) pode ser devido à existência de um bosque no local, que se encontra na Avenida Duque de Caxias e Avenida Ezequiel de Carvalho, no final do Jardim Nova Barra:

[...] perto da praia existia um local chamado Parque da Saudade, ou melhor, Bosque da Saudade. Daí, portanto, foi só uma questão de relacionar a região da “Praia do Bosque” com a região do “Bosque da Saudade” (M.J.D. entrevistada dia 25/08/09).

A entrevistada N. afirma que o lugar era conhecido como “Bosque da Saudade”, porque lá se dançava como outrora. O lugar era um galpão bonito, havia um bosque com muitas árvores e inclusive um zoológico. Hoje, o local é conhecido por Praia do Bosque, mas, na realidade, o bosque permaneceu apenas na lembrança de quem viveu à época.

FIGURA 7. Praia do Bosque



Fonte: Facebook de Getúlio Costa⁴

4.7 Praça dos Garimpeiros

Outro topônimo de estrutura simples cujos termos são: “Praça”, termo genérico e “Garimpeiros”, termo específico. Esse nome nos recorda a história do município de Barra do Garças. Na realidade, o local é uma

⁴ Disponível em: <<https://www.facebook.com/1735137813477686/photos/praiado-bosque-barra-do-gar%C3%A7as-mt/2403032713354856/>>. Acesso em 30 abr. 2022.

homenagem a esse povo que favoreceu a descoberta e o desenvolvimento da cidade.

Mas há um fato curioso na denominação deste lugar. Atualmente, ao visitar a praça, deparamo-nos com a estátua de apenas um garimpeiro, porém, logo no início de sua construção, podíamos notar que a praça era rodeada por estátuas de índios, e, no alto do chafariz, havia a estátua de um único garimpeiro.

A denominação ficou um tanto quanto incoerente, já que a quantidade de índios era maior que a quantidade de garimpeiros; sendo assim, a praça deveria se chamar praça dos índios e não o contrário. Segundo alguns informantes, o que se ouve dizer é que por pedido dos próprios índios, as estátuas dos índios foram retiradas e permaneceu apenas a do garimpeiro.

Pelo fato de o local fazer referência a um grupo étnico, o topônimo Praça dos Garimpeiros (Figura 8), localizada no centro comercial de Barra do Garças, é classificado como um Etnotopônimo.

FIGURA 8. Praça dos Garimpeiros – primeira foto em maio de 2003, segunda foto em setembro de 2007



Fonte: Borges (2007)

4.8 Discoporto

Como pudemos notar anteriormente neste artigo, não é de hoje que as lendas fazem parte do universo de Barra do Garças. O lugar conhecido como Discoporto (Figura 9) localiza-se no Parque Estadual da Serra Azul e surgiu da ideia do então vereador de Barra do Garças, Valdon Varjão, que antes de encerrar sua carreira política apresentou um projeto criando essa espécie de aeroporto para aterrissagem de disco-voadores. A Lei Municipal n.º. 1.840 foi sancionada pelo ex-prefeito, Wilmar Peres de Farias, em setembro de 1995. Muitos consideravam, e ainda consideram, tal ideia como estapafúrdia, mas, na realidade, o objetivo do então vereador era apenas exibir a cidade de Barra do Garças nas redes midiáticas, ou seja, chamar a atenção para a cidade que é conhecida atualmente pelas histórias lendárias e místicas que a envolve. O local atrai a curiosidade de muitos turistas.

Diante disso, fica fácil perceber que o nome Discoporto é constituído por justaposição das palavras “disco-voador” e “porto”, caracterizando o local como um possível porto de pouso para disco-voadores. Por se tratar de uma possível via de acesso, de comunicação, entre os terrestres e os extraterrestres podendo ser classificado este topônimo na taxonomia dos Hodotopônimos.

FIGURA 9. Discoporto



Fonte: bbc.com

5 Considerações finais

No decorrer deste trabalho, constatamos que os processos de nomenclatura que estão na base da criação dos topônimos do município de Barra do Garças são diversos, podendo a motivação toponímica ser de origem cultural, natural, histórica etc.

No entanto, diante de todas as afirmações analisadas pudemos perceber que há uma tendência bastante forte para a nomeação a partir do sentido natural, isso talvez se explique pela necessidade que o homem tem de nomear os lugares, a fim de se localizar no espaço; sendo assim, toma um espaço e o denomina partindo de seus aspectos naturais visíveis tornando-se uma identidade local.

É interessante ressaltar que dentre os topônimos analisados nesta pesquisa evidenciamos uma ocorrência maior de Ergotopônimos, o que se justifica devido a essa facilidade de nomear os lugares pelo sentido natural, ou seja, o nome do local normalmente parte de uma característica própria do lugar ou de algumas ideias com as quais o lugar se relaciona. Entretanto, de acordo com o que foi dito no desenvolvimento do texto, há o fator de que a toponímia carrega em si toda uma carga histórica, cultural e linguística, portanto a nomeação de lugares não se limita ao sentido natural, como foi demonstrado neste trabalho.

Outro ponto que vale ser dito é o quanto consideramos interessante retornar às origens dos nomes dos lugares e nos deparar com uma realidade que, atualmente, não existe mais, ou seja, só seremos capazes de compreender porque tal denominação é considerada natural se resgatarmos na história os seus motivos, pois muitos elementos que outrora serviram como ponto de partida para denominar um lugar foram extintos pelo tempo e pelas mudanças e, para a geração de hoje, que não conhece essa história, a denominação pode não ser natural mais, como é o caso dos nomes “Córrego do Monjolo” ou “Cachoeira da Usina”, os quais fazem referência a elementos não mais existentes nesses locais. Eis, então, a importância das lembranças de quem vivenciou o momento em que tais elementos existiam.

Um problema encontrado durante a realização deste trabalho foi, justamente, lidarmos com a confusão que os entrevistados fizeram quando eram indagados sobre os topônimos da cidade estudada. Em sua maioria, transmitiam muito mais a história da cidade que a motivação dos nomes de lugares, isso porque a toponímia está intimamente ligada à história da região. Isso demandou dos pesquisadores perspicácia e paciência.

Ao estudar os topônimos de uma cidade, conseqüentemente, estamos estudando a história dela, pois, como notamos, não há como saber a origem de determinado nome desvinculando-se da história que há por trás dele. Percebemos, por exemplo, que, de uma maneira ou de outra, esses topônimos da cidade de Barra do Garças – MT têm relações como os fatores migração e garimpo. Como é o caso dos topônimos “Córrego Bateia”, “Praça dos Garimpeiros” etc.

A influência da cultura nos topônimos analisados se faz perceber, por exemplo, em: “Córrego do Monjolo”, “Cachoeira da Usina”, entre outros, em que verificamos a existência de elementos culturais da população.

Ao desenvolver esta pesquisa, percebemos que há muito que estudar acerca de topônimos, principalmente os topônimos do Vale do Médio

Araguaia, em especial, da região mato-grossense-goiano. Prova disso foi nos depararmos com uma ausência muito grande de referências bibliográficas a respeito da toponímia, tanto nas bibliotecas da UFMT (Campus Universitário do Araguaia e Campus de Cuiabá) quanto em pesquisas em *sites* de livrarias. Para contornar essa carência, buscamos realizar uma pesquisa apoiada especialmente na história oral, pois sabemos que ela “[...] aplica-se principalmente aos casos em que a documentação escrita é insuficiente para esclarecer dados que já possuímos ou para testar hipótese” (ROY, 1976, p.124).

Por se tratar de um estudo que parte da história oral para resgatar os dados, ficou evidente o quanto por um lado esse tipo de resgate é compensatório e, por outro, não muito confiável. Compensatório porque com o uso da história oral conseguimos informações que ainda não havíamos encontrado em nenhum dos livros lidos nesta pesquisa. A desvantagem deste tipo de pesquisa está apenas no fato de que, muitas vezes, os informantes aderem à história percepções pessoais, por vezes, inserindo no fato relatado dados que realmente não ocorreram. Mas isso não impediu que nosso trabalho alcançasse sucesso, pois, apesar da falta de bibliografias sobre o assunto, buscamos sanar nossas dúvidas por meio do confronto entre as diversas entrevistas feitas e as informações recolhidas nos poucos livros que tínhamos à disposição.

Enfim, podemos afirmar que se há distintos fatores para a denominação de um lugar é porque há vários agentes motivadores na base do nome deste lugar, demonstrando que a escolha dos nomes não é algo aleatório e impessoal, evidenciando que o território não se limita a uma demarcação geográfica, pois traz consigo elementos socioculturais de toda a população que ali se instala.

REFERÊNCIAS

BORGES, Á. A. da C. Índios xavante x não-índios na cidade de Barra do Garças/MT: gestos de interpretação discursiva. In: **Seminário de Análise de Discurso** - O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras, n. III, 2007, Porto Alegre – RS. ANAIS... Porto Alegre – RS: UFRGS, 2007. p. 01-15. Disponível em: https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/sead3_comunicacoes.html. Acesso em: jan. 2009.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

CUNHA, M. C. P. (org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

DICK, M. V. de P. do A. **Coletânea de estudos**. 2. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 1990.

_____. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2004.

DINIZ, Z. dos S. **Conhecendo Barra do Garças**. Barra do Garças: 31 de Marco, 1995.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Revista e aumentada. 32. impressão. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FILHO, N. G. R. Espaço e memória: conceitos e critérios de intervenção. In: CUNHA, M. C. P. (org.). **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à linguística: I Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

FORTUNA, C. As cidades e as identidades: narrativas, patrimônios e memórias. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 33, ano 12. ed. ANPOCS. Fevereiro de 1997.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUIMARÃES, E. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas – SP: Pontes, 1995.

ISQUERDO, A. N., KRIEGER, M. da G. (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. II, Campo Grande – MS: Ed. UFMS, 2004.

_____; OLIVEIRA, A. M. P. P. (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande - MS: Ed. UFMS, 2001.

LÔBO, C. M. G. N.; RIBEIRO, H. de S. Topônimos de alguns municípios da região Araguaia, **Humanidades & Inovação**, v. 8, p. 75 - 88, 2021.

MAEDA, R. M. A. **A toponímia sul-mato-grossense: um estudo dos nomes de fazendas**. Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. 2006. 281 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

NUNES, E. de O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

NUNES, C. M. G. Estudo de alguns topônimos do município de Barra do Garças – MT. Orientador: Hidelberto de Sousa Ribeiro. 2009. 57 f.

Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso, Barra do Garças, 2009.

RIBEIRO, H. de S. **O migrante e a cidade: dilemas e conflitos**. Araraquara: Wunderlich, 2001.

ROY, M. M. História Oral. **Estudos históricos**, n. 15. Depto História. UNESP. Marília, 1976.

SANTOS, F. F. dos. **Estudo toponímico do município de Barra do Garças, microrregião do Médio Araguaia, Mato Grosso**: contribuição para o Atlas toponímico de Mato Grosso. Orientadora: Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. 2005. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução: A. Chelini. J. P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

VARJÃO, V. **Barra do Garças: migalhas de sua história**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1985.

ZAMARIANO, M. **Toponímia paranaense do período histórico de 1648 a 1853**. Orientadora: Vanderci de Andrade Aquilera. 2006. 269f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006.

Recebido em dezembro de 2023.

Aprovado em maio de 2024.

Publicado em 30 junho de 2024.

SOBRE OS AUTORES

Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo é doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (2017). Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (2012). Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso (2009). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Funcionalismo; Gramática de Construções; Gramaticalização; Leitura e compreensão textual; Inferência; Metodologia do trabalho científico/acadêmico. E-mail: celiamarciagn@gmail.com.

Hidelberto de Sousa Ribeiro é pós-doutor em Geografia Humana pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Doutor em Sociologia

pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2000). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (1993). Graduado em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas (1987). Professor Titular (Defesa do Memorial realizada em 24/11/2016). Professor do Campus Universitário do Araguaia - CUA, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal de Mato Grosso. Foi Professor-Colaborador-Voluntário na Universidade Estadual de Campinas (2003-2005). Ministra aulas no Programa de Mestrado em Sociologia - PPGS/UFMT, Campus de Cuiabá e em cursos de Graduação no Campus Universitário do Araguaia, cidade de Barra do Garças/MT. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia do Desenvolvimento, Rural e Urbana; Sociologia da Saúde e da Educação e em Geopolítica, com temas voltados à questão da: organização do território, migração, expansão do agronegócio, desenraizamento. Participa de grupos de pesquisa que discutem a abordagem histórico-cultural e o ensino desenvolvimental e os impactos decorrentes da expansão do agronegócio na Amazônia. E-mail: hidelbertos@gmail.com.